

## Articulações Simbólicas: uma nova filosofia do design

Louis L. de Oliveira\*

BECCARI, Marcos. *Articulações Simbólicas: uma nova filosofia do design*. Teresópolis, RJ: 2 AB Editora, 2016.

A vida é sempre irreduzível às teorias. Espetacular, ela não recepiona aquilo que tomamos como seu, pois não devota nada de si mesma à quem quer que seja. Como um nada, ela não necessita de nós. Mas, por outro lado, só pode ser enquanto imaginário em nós, elaborada por nós. Nesta elaboração, um eterno convite para a arte e para às múltiplas formas de imprecisões. A arte? Uma desculpa para brincar de dar sentido à vida e projetar possibilidades. Ou seja, uma boa saída. As imprecisões? As teorias, que imaginam a vida procurando inventá-la à força de epistemes ou de histórias comuns, tudo a mesma coisa. Mas, com a vida, não temos saída, pois, só ao representá-la é que nós também nos tornamos aptos a representação. E, para isso, necessitamos assolar sua nadificação e realçar sua presença, ainda que uma profanação, uma imprecisão. E essa necessidade sempre chega como um grito que assalta àquele que se vê afligido e que, para não morrer, sobre o calor de uma desdita, apronta a sua voz mais apurada para pronunciar que ainda que engolido, que ele pode mencionar quem o abocanha. É assim que trabalhamos, sempre à espreita daquilo que nos engole. Algum mal nessa prática? O contrário.... beleza!!!

Nesse universo de beleza e encarando essa vida repleta de narrativas, gramáticas, paisagens, imprecisões etc., é que se coloca esta obra de Marcos Beccari (2016) “Articulações Simbólicas – uma nova filosofia do design”. E se coloca como um grito alegre, que tece um aporte teórico sobre o design sem afirmar-se douta ou senhora de um fato. Contesta e brinca, trama e compõe, aprofunda e arrazoa a profundidade, porque seus fundamentos se baseiam no pensamento trágico. E o trágico aparece como o que desdiz tudo e, sempre, a impossibilidade de se alcançar qualquer validade sobre à vida. Assim, alegre e também injurioso, esse livro traz a miragem do gracejo trágico, fazendo falar o trágico do design ou, o design trágico, que acaba por compor uma filosofia do design enquanto uma a mais dos indicadores do mundo. Um indicador enquanto fruto de uma hermenêutica trágica, que serve para sacudir a poeira armazenada à tempos na soleira de uma porta com velhas vergas; uma porta que

---

\*Professor Doutor da Faculdade de Educação da Universidade de Santo Amaro. Doutor em Educação pela USP.

qualquer um poderia abrir, mas que só alguém esvaecido no trágico, no sopé desse lugar, poderia fazê-lo.

Marcos Beccari (2016) faz isso. E o faz porque combina ousadia e curiosidade, trazendo como retaguarda a poesia, a pintura – o autor é também um artista –, o ímpeto do pensamento trágico e o emparelhamento da erudição com a atividade mais comum, sempre à procura da reconquista do irremediável. Inicia sua obra, “Articulações Simbólicas: uma nova filosofia do design”, entrando no universo da explicitação de um dado sentido, do design, para tratar dos sigilos que qualquer disciplina pode guardar para afirmar um ou mais caminhos. E o autor escolhe, em sua expertise, seguir um caminho menos tortuoso, porque, ao contrário de alinhar-se com a secura da ascendência acadêmica, arma-se com a literatura nos moldes de Paul Auster, nos seduzindo com breves prelúdios, interlúdios e poslúdio, que escavam, semelhante à força dos explosivos de Alexandre Farto, essa sua obra “Articulações Simbólicas”. Por isso, um aviso: não tenha pressa ao tocar nesta obra. Saboreie suas viragens literárias e teóricas, teóricas e literárias e siga lentamente. Caso contrário, caro leitor, perderá muito no percurso.

Lendo este livro, sinto que a tese maior não é o design em si, mas o homem que se quer tocar por um tipo de olhar. Ou seja, um é meio, o design, o homem ou os homens, o fim. O próprio autor, na introdução dessa obra, deixa claro que

O ponto que eu gostaria de destacar é que, seja por meio de “efemeridades” ou de “projetos ideais”, o design constitui um espaço de significação e narrativa de quem somos — sob a mediação de condutas, “estilos de vida”, valores e discursos — em relação a uma existência socialmente partilhada. Ainda que não se trate de um modo tradicional de narrativa — que teria, segundo Benjamin, se perdido na modernidade —, e sim de uma nova forma, “volátil e efêmera”, de narração (Almeida, 2015a, p. 151), trata-se de assimilação e tradução de formas que informam, formam e reformulam experiências, vividas ou imaginadas, de existir no mundo. (p. 25-26)

Assim, pensando o design e deixando-o escorregar de um para outro lado, Beccari (2016) indicia que

(...) a importância deste trabalho não reside tanto em dizer o que é design — em última análise, design é um nome novo para uma conduta antiga que reaparece revigorada —, mas sim em propor uma filosofia do design que forneça um quadro conceitual apropriado a abarcar a amplitude que o termo design tem adquirido.

Essa amplitude? Dar-se com o mundo para fazê-lo falar. Nesse sentido, situa o design como uma articulação simbólica por meio da qual se busca a compreensão do mundo e mesmo um modo de se situar nele. E, se situar, sem se apoderar de nada, mas como um

meio de sorvê-lo sem tirar-lhe coisa nenhuma, nem significados ou altas representações, essas coisas anti-trágicas.

Beccari (2016), em sua abordagem, parte da filosofia trágica, como compreendida por Nietzsche e Clément Rosset, para desestabilizar as pretensões de um conhecimento como expressão da verdade ou da coincidência entre pensamento e realidade. Nesse processo, emerge uma “hermenêutica trágica”, conceito construído para apontar o modo como os sentidos (ou sua ausência) são operados na mediação com o mundo, por meio da valorização da experiência estética. Essa experiência? É possível tocá-la no “Interlúdio III – A Reconquista do Irremediável”,

O centro está em toda parte, e o perímetro, em lugar nenhum. Se a contradição não cessa de acentuar-se, é menos por conta de uma imprecisão teórica do que pela precisão de se querer pensar o que não é pensável: o primeiro e último observatório no qual podemos contemplar tudo por um instante. (p.117)

Eis uma obra que brinca seriamente com a vanidade do real. E o real, seja o que for, é aqui poesia, melodia, algo que salta de um gesto estético e desaparece tão logo se passa à tentativa de precisá-lo. O real, aqui,

(...) é *tudo* que está aí, inclusive nossas ilusões e interpretações do real. O recurso de separar o real do que quer que seja é meramente in- telectual e, não obstante, mal-intencionado uma vez que serve para justificar determinadas concepções, certas “verdades” que são desejadas enquanto tais. (p. 91)

Dividido em quatro capítulos, o livro se inicia justamente com a busca de uma compreensão mais ampla das linhas de força da filosofia para então propor cinco eixos de uma filosofia do design. Sem a pretensão de elaborar uma teoria, mas atento às possibilidades de formular hipóteses filosóficas sobre o design, o autor articula: I) Design e linguagem; II) Design e sensibilidades; III) Design, ética e tecnologia; IV) Design, consumo e cultura midiática; e V) Design, epistemologia e ontologia. A abordagem dos cinco eixos visa menos a um enrijecimento conceitual que a uma abertura filosófica que possibilite compreender o design como a articulação simbólica, isto é, um conjunto de mediação e (re)criações de significados e interpretações que possibilitam uma relação estética, de ordem imaginária, portanto simbólica, com o real. A esse respeito, de uma filosofia do design, nada de um ofício profissional de um filósofo catedrático e mau humorado. A questão é mais simples. Simples, porque trágica; simples, porque

(...) se partirmos, por exemplo, da premissa de que qualquer coisa que seja pensável ou

passível de expressão não escapa de conceitos, signos e artifícios do conhecimento, notaremos que não resta parte alguma do que chamamos de “mundo” para além disso: tudo que nos é “desconhecido” somente o é porque pode ser conhecido. Tanto que qualquer teoria filosófica, a meu ver, mesmo a mais exaustivamente sistematizada (acessível apenas a alguns “iniciados”), compõe-se de ideias simples, que boa parte de nós já teve ou poderia ter”. (p. 46)

O segundo capítulo trata de um recorte filosófico em que privilegia o trágico, expresso como nada, acaso e convenção, a partir da leitura que Rogério de Almeida faz de Friedrich Nietzsche e Clément Rosset. A partir dessa perspectiva, introduz os conceitos de real e imaginário, tratados de modo complementar, em que o real aparece como tudo, acaso e convenção, inspirado na definição do trágico, mas que apresente o tudo como o que existe concretamente, restando ao nada todas as projeções imaginárias de sentido. “Amor, valor, sentido, finalidade, necessidade, desejo – tudo isso concretiza *nada*, não expressa nada de real, mas é real na medida em que nos afeta. São ficções humanas, procedem do imaginário, podendo tanto nos inserir quanto nos afastar do real (...)” (p. 92). E sobre o real recaem as forças do acaso e das convenções. Acaso, sob o prisma trágico, como “(...) um mecanismo constitutivo da existência: são infinitas as possibilidades tanto de formas reais quanto de traduções imaginárias, mas a realização de cada possibilidade depende de encontros fortuitos, isto é, efetiva-se de acordo com ocasiões que acontecem ‘por acaso’”. (p.93) E a convenção,

(...) Avançando em nossa digressão acerca do real, ‘o pensamento do acaso é assim conduzido a eliminar a ideia de natureza e a substituí-la pela noção de *convenção*. O que existe é de ordem não natural, mas convencional — em todos os sentidos da palavra’ (Rosset, 1989, p. 101). Se não há ordem, vontade ou qualquer princípio que possa reger o real, então o real é sempre acidente, aparência, convenção, sem mistério ou sentido oculto que nos impeça de (re)convencioná-lo. (p. 94)

E, no momento subsequente, Beccari (2016) define o imaginário como nada, convenção e ficção. Sua ideia central é de que a “imagem é real enquanto imagem, mas é também imaginária por propor uma fabulação, um sentido para o real” (p. 98).

O capítulo seguinte é dedicado à construção de uma hermenêutica trágica. Para isso, realiza a análise de três peças narrativas: os filmes *Mr. Nobody*, *Synedoché, New York* e a obra literária *Em busca do tempo perdido*, das quais extrai o fundamento de sua hermenêutica trágica em confluência com o símbolo, a ficção e a criação estética. Assim, a hermenêutica trágica pode ser definida como um modo-de-ser expresso pela compreensão, desde que essa compreensão não pressuponha um conteúdo específico a ser interpretado, mas que faça o trágico falar, que o retire do silêncio. Opera, portanto,

com as ficções, as criações de sentido que realizam a articulação simbólica que possibilita dar sentido ao real insignificante, que não expressa nenhum sentido. Assim, a hermenêutica trágica tem a tarefa de fazer o mundo falar. Ora, dessa constatação,

(...) essa sociedade na qual se insere o design é uma sociedade que não se fundamenta em nada, porque ela mesma é expressão da convenção, seja a dos estratos de classe, seja a dos jogos de poder. Dada de modo narrativo e simbólico, a convenção opera de maneira ficcional: ela não explica nem fornece respostas, mas aciona sentidos possíveis para a experiência vivida, conduzindo valores, comportamentos, generalizações, contradições, dissonâncias e insuficiências. (p. 209)

O último capítulo do livro defende a tese de que o design opera como articulação simbólica, como um registro estético, filosófico, um modo de olhar, portanto, como um processo amplo que articula as formulações simbólicas do imaginário com o trágico da existência. Para compor sua narrativa, o autor realiza um passeio pela memória do design, afrontando velhos cânones que atestam sua origem na contemporaneidade. Aqui, o design é manifestação humana e, portanto, sua presença acompanha a própria consumação da cultura. Para chegar a esse ponto o autor envereda-se por uma bela discussão, colando frente-a-frente Flusser, Sloterdick, Meggs, Quintavalle, Latour, Almeida, Cardoso, Perniola, e outras tantas figuras da filosofia e do design, apresentando que, sob o sabor da hermenêutica trágica,

(...) de que não há nada a ser efetivamente criado, somente acaso que se acrescenta ao acaso. De um lado, portanto, design implica não um criar *ex-nihilo*, a partir do nada, mas uma articulação simbólica, uma intervenção nos modos de olhar; de outro, é apenas frente ao acaso e às convenções que somos impelidos a criar. Sob esse viés, fica evidente que quaisquer “novidades” seguem formas-rituais já consolidadas: o novo não nasce senão por meio de imperceptíveis reformulações do velho, mínimos desvios do já conhecido, *redesign* das ocasiões.” (p. 237)

Tratar com essa obra é revirar nossos modos de olhar, desejando - se não nos colocarmos na defesa, armados para não cair numa cilada que pode alterar nossos modos de ver o mundo - jogar com o que está aí, com todas as convenções e as mais variadas possibilidades narrativas, fantasiosas ou mesmo líricas, que muitos teimam em afirmar que já se foi. Nada se foi ou nada se deixa na perspectiva trágica. O que temos, enfim, é uma coisa deixando seu lugar e passando à outra esfera de representação, às vezes menor, às vezes grande demais, em outras quase silenciosa, desaparecida até, e no momento seguinte, forte em sua suposta lógica dominadora. Esta obra? Uma bela companheira, às vezes maledicente, traidora – porque sacode o que tínhamos como norte -, às vezes apaziguadora, porque nos leva a sentir que o mundo, com seu design escorregadio, nos permite tudo, ver tudo, sentir tudo, ainda que esse sentimento nos leve

à encontrar com o trágico, e aí, sob seu som mais surdo, perceber que continuamos a viver sem explicações, pressentindo que, fazendo ou não escolhas, que viver “É como escolher um bom perfume para encobrir, não por muito tempo, os incontáveis orifícios que nos encobrem.” (p. 248)

E como um poslúdio – aqui imitando o autor – fica um aviso: o trágico aqui trabalho é o trágico da virulência. Se se quer o design limpo, afeito à arte mais nobre, esqueça essas páginas. O design, abraçando o trágico – o que autor faz tão bem – reverbera em nós uma outra acuidade e o mundo, na superfície de seu toque, pode cair um outro, na medida em que já não é mais nada, a não ser *idiotès*.